

"TEMOS A FORÇA DOS VENTOS"CENA-1- O NASCIMENTO DO MFA.

(Dois capitães em licença provisória, descansam numa antiga colónia portuguesa. Um lê o jornal, e o outro lê uma carta da sua terra. Durante a conversa deles, um coronel ou um oficial superior, passa de um lado para o outro várias vezes. Ao fundo do palco, há um cartaz indicando a data e o local do acontecimento.)

JOSE- Eh pá, ouve esta aqui: "Os terroristas começam a retirar-se contra o avanço heróico do exército português. Diariamente chegam notícias de novas baixas inimigas. Este terrorismo de inspiração comunista não tem o apoio da população que eles roubam, violam e assassinam..."

EDUARDO- Tu achas que eles se referem à mesma guerra?

JOSE- Segundo me parece tencionam manter-nos aqui eternamente... *(mostra a carta)*

EDUARDO- Impossível. O resto da malta que regressa à Metrópole convencê-los-á da verdade mais tarde ou mais cedo. O Estado Maior verificara que não temos culpa do que está a acontecer. *Quando perdemos essa guerra é preferível ser julgado em Tribunal de Guerra? Os capitães e não os generais, claro*

JOSE- Mas tu es' um militar de carreira, tu jurás-te dar a vida pela Pátria se for necessário!

EDUARDO- Pela Pátria? Por eles, queres tu dizer! Eu continuo a ser um capitão a desfazer-se em suor aqui no mato por uma miséria de dinheiro, enquanto os generais muito tranquilos, dirigem a guerra dos seus escritórios na base em Lisboa... e ainda lhes sobra tempo para tratar de toda a espécie de negócios. (O oficial passa, e ambos se levantam fazendo continência.)

JOSE- E eu que pensava que tu eras a favor da guerra!

EDUARDO- Eu sou a favor das guerras que se podem ganhar. Esta aqui é impossível.

JOSE- Lembra-te que eles estão a lutar pela terra deles!

EDUARDO- Pois entreguemos-lha! *Fora um baixo este facto disto* A malta da Metrópole está farta disto. Esta guerra está a ficar muito cara. A minha irmã manda-me dizer que há manifestações em Lisboa contra a subida do custo de vida. E quem sofre com isto é o povo!

JOSE- Esses manifestantes querem é espalhar a revolta. O Caetano trata-lhes da saúde!

Friday - 13 - January at 8



Leuanto-me e ando para a esquerda

2

necessário
DUARDO- O que era ~~preciso~~ ^{necessário} era tratar da saúde dos cobardes que ~~nos~~ ^{nos} estão aqui a proteger! Nós estamos quantas vezes aqui em perigo de vida para a que a construção de Cabora Bassa vá p'rá frente, enquanto o Sr. Harry Appenheir explora a mina de diamantes, enchendo as algibeiras. Ele nem sequer é português. E à gente pagam-nos metade dos salários que ele paga aos seus engenheiros. Mas pode ser que um dia nos fartemos de arriscar a vida por esta gente que passa o tempo deitada na praia, enquanto nós aguentamos a pressão dos terroristas. Aqui qualquer homem, mulher ou criança, é um terrorista. É impossível matá-los a todos! *(para)*

JOSE- Bom, faz-se o que se pode... É possível que se eu estivesse no lugar deles, também fosse um terrorista...

EDUARDO- Rapaz, essas palavras ~~de~~ ^{ou clipe} são perigosas! Será que não aprendes-te nada durante o tempo que estiveste na Universidade? *com o Zé*

JOSE- Aquilo que aprendi não tem grande significado neste sitio... *Habiam firma*

EDUARDO- Bom. Já estou cansado de palavras. É tempo que alguém faça alguma coisa, em vez de se falar tanto.

JOSE- Olha, olha! Quem é que está agora a dizer palavras perigosas?

EDUARDO- Não são palavras perigosas, apesar de tudo nós somos o exército ~~nós é que temos as armas!~~ **QUEM TEM AS ARMAS SOMOS NÓS**

JOSE- Certo, certo. Nesse caso dá uma vista de olhos a isto.

(Ele passa-lhe para a mão um papel amachucado. Eduardo começa a ler no momento em que o oficial passa. Põe-se imediatamente em sentido, ao mesmo tempo que esconde o papel. Quando o oficial passa, recomeça a leitura.)

"logo que este termina, um outro actor entra em cena, possivelmente vestido de soldado, lendo a seguinte declaração para o publico:"

"O MFA AO INTERPRETAR OS DESEJOS E INTERESSES DA MAIORIA DO POVO PORTUGUÊS EFECTUOU OPERAÇÕES QUE EM ALGUMAS HORAS DERRUBARAM O GOVERNO FASCISTA. O NOSSO PROGRAMA É DEMOCRATIZAR, DESCOLONIZAR, E DESENVOLVER UMA SOCIEDADE SOCIALISTA AO SERVIÇO DO POVO PORTUGUÊS, E NÃO DOS INTERESSES DUMA CAMADA PRIVILEGIADA DA POPULAÇÃO."

(Depois de terminada a leitura do comunicado, outros actores começam a entrar em cena, parando a marcar o passo no meio do palco, ao mesmo tempo que cantam a "Grandola" com os dedos em V.)

Seguem-se pequenas cenas ilustradas com algumas palavras sobre o 25 de Abril. Estas cenas deverão ser indicadas com a ajuda de uma bandeira vermelha, ou cartazes indicando a Victoria de um povo...

"PEQUENAS CENAS INTERMEDIAS"

A- Passa-se na Rádio Televisão Portuguesa. Um ^{leitor} leitor, representando o actor da RTP, sentado, a secretária lê as seguintes notícias ao país: E DIA 25 DE ABRIL, É UM DIA QUE JAMAIS SE PODE ESQUECER, UM DIA QUE SE PODE DESTRUIR!

VAMOS O PAÍS QUE NESTA NOITE O EXÉRCITO PORTUGUÊS DESMORONOU O GOVERNO FASCISTA. QUE NÃO HAJA PÂNICO OU CONFUSÃO, PORQUE A SITUAÇÃO ESTÁ CONTROLADA PELOS CORAJOSOS SOLDADOS PORTUGUESES.

MISSORA NACIONAL E A RTP. ENICIAM HOJE O ANO ZERO DUMA NOVA ERA. O TRÁFEGO DO AEROPORTO DA PORTELA ESTÁ ENCERRADO. E UM ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO COM CARROS BLINDADOS OCUPAM A BAIXA DE LISBOA. TAMBÉM ESTÁ OCUPADO O BANCO NACIONAL, A ZONA DOS MINISTÉRIOS, A CÂMARA MUNICIPAL, O MINISTÉRIO DA MARINHA, ONDE O TENREIRO E MINISTROS DO INTERIOR SE ENTREGARAM. E NO MARTEL DO CARMO, MARCELO CAETANO E O RESTO DOS MINISTROS, RENDERM-SE DEPOIS DE ALGUNS MOMENTOS DRAMÁTICOS.

EM PORTUGAL RENASCIDO BRILHA HOJE CHEIO DE ESPERANÇAS NOS OLHOS DA MULTIDÃO QUE NAS RUAS DE LISBOA SE ABRAÇA AOS SOLDADOS, E GRITA: VICTÓRIA! UMA REVOLUÇÃO QUE MARCA UMA ERA DE LIBERDADE E ESPERANÇA. ~~UM GOLPE DE ESTADO SEM SANGUE...~~ A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS DE ABRIL!"

"O POVO UNIDO NUNCA MAIS SERÁ VENCIDO"

Esta frase é repetida em coro por actores detrás do palco.

CENA-B- PASSA-SE A PORTA DA PRISAO DE CAXIAS. Um soldado abre lentamente as portas, e sorri a um prisioneiro.

SOLDADO- Houve um golpe de Estado! Este país está livre da opressão fascista!

PRISIONEIRO- Oh liberdade, Liberdade!

SOLDADO- Porque está aqui?

PRISIONEIRO- Sou acusado de actividades subversivas...

SOLDADO- Está livre, pode sair!

(O prisioneiro ao sair limpa as lágrimas, abre os braços para a mulher, e grita:)

PRISIONEIRO- A longa noite do fascismo acabou! Benditos aqueles que sofreram nesta prisão a força das torturas e o martírio da repressão fascista! Para esses a luz brilha hoje com a esperança que o capitalismo morra sufocado pelos cravos desta Revolução!

(Ouvem-se ao fundo gritos e cantares de vitória.)

CENA-C- Passa-se na casa dum capitalista. Sentado à secretária com aspecto desesperado, grita ao telefone:

CAPITALISTA- Está lá? É da Polícia? Os meus operários estão em greve e... O quê? O que Diabo é que você quer dizer com isso? Não sabe com quem está falando? Eu sou o Sr. Joaquim Felizardo da Mealhada! Dono e director das fabricas de louça das Caldas da Rainha! E você como protector da lei devia vir aqui por um pedaço de ordem nesta cambada de preguiçosos que me rebentam com os miolos com a mania das greves... Qual dinheiro nem qual carapuça! Pensa que eu também o ando a cavar? (Silêncio entre frases) Não me venha também você com histórias do direito dos trabalhadores. Se eu tomasse atenção a essa chaxada, não seria o que sou hoje! Qual capitalista, ou qual coisa! Que grande ajuda que você me saiu! (desliga o telefone em fúria, e marca outro número.)

CAPITALISTA- Está? É da agência de viagens? Olhe, é capaz de me marcar um bilhete de avião para o Brasil? O Nome é Joaquim Felizardo da Mealhada. Não, não importa que sítio seja, nem que seja na selva! Neste país é que já não há lugar para mim. (Silêncio) Claro que quero um bilhete de 1ª classe! Para hoje mesmo se puder, este país está de patanas! Raios os partam mais as Revoluções!

(Levanta-se, vai ao banco com uma grande mala vazia para levantar todo o dinheiro que tem. Bandeira vermelha/a recepcionista informa-o que a sua conta tinha sido congelada. Levanta-se e sai correndo.)

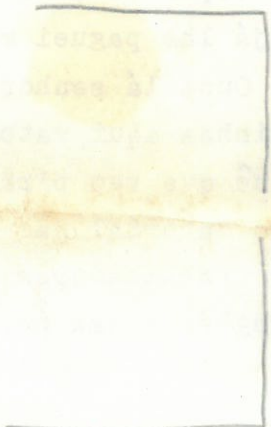
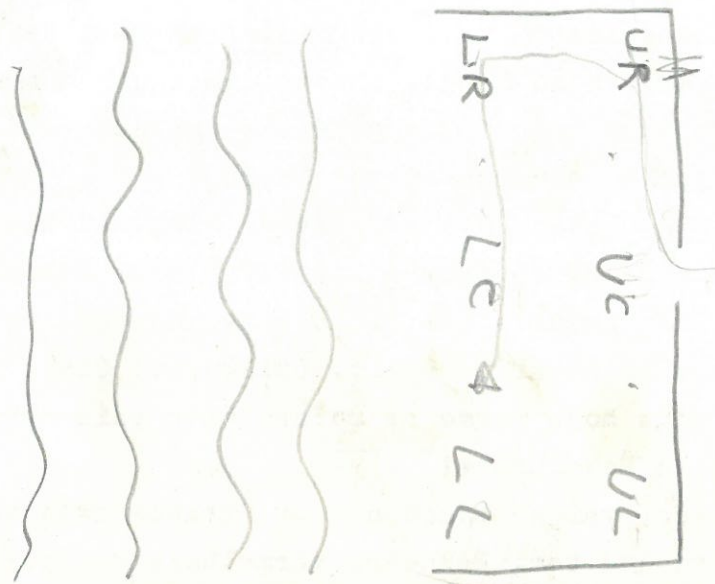
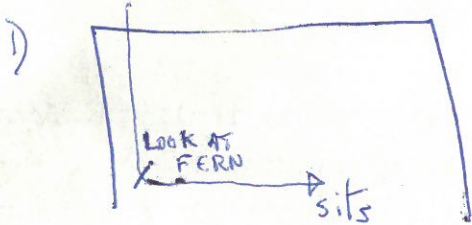
CENA-D- A cena passa-se no Algave, onde um turista inglês desespera, a falar com o constructor da sua vivenda. Os operários não querem continuar a obra se o pagamento não aumentar.

INGLES- Mas senhor, ^{exterior} minha casa não está terminada! O senhor prometeu que ^{dentro de} minha vivenda estivesse terminada em dois meses próximos, e ainda não está a meio!

CONSTRUCTOR- Tenha calma Sr. Campbel, já se vê o que se pode fazer! O que é que quer que eu lhe diga se o pessoal se recusa a trabalhar? Se quiser o serviço feito, meta a mão à algibeira...

INGLES- Mas já lhe paguei muitos escudos... Não está bom! Não está Bom!

CONSTRUCTOR- Ouça lá senhor! Do que é que se queicha? Eu se quiser ter umas casas minhas aqui, mato-me a trabalhar aqui a vida inteira e nunca lá chego, você que vem p'raqui construir, tem que largar cacau, porque as coisas p'rao material não se compram sem dinheiro. Se está mal mude-se! (Ao fundo os trabalhadores apoiam com os dedos em V, e bandeira vermelha, enquanto o inglês passa notas para as mãos do outro.)



Paussa
 Cumpmatt
 Vellat

CENA-2- A OCUPAÇÃO

NARRADOR- Durante o tempo do fascismo, uma em cada quatro famílias portuguesas, não tinha casa para viver; 34.000 famílias viviam em bairros da lata, construídos de caixotes de madeira, zinco, e sem sanitas nem agua. Canção: "Bairro da lata".

CARTAZ- "Os moradores do Bairro da Boavista decidem mudar-se."

(Uma velhota vestida de preto entra com a bandeira vermelha debaixo do braço e uma trouxa com tudo o que possui. Devagar e cuidadosamente, desenrola a bandeira no chão, e os outros começam a aproximar-se um a um. Um soldado chega com um alto falante. As pessoas estacam.)

SOLDADO- Este bairro é propriedade privada. Vocês não têm o direito de estar aqui. Voltem para as vossas casas. (Silêncio, ninguém se move.) Olhem que se não vão a bem vão a mal, e depois sofrem as consequências!

(Eles começam a andar em direcção à bandeira. As pessoas tentam travar-lhe o passo, discutindo, mas ele empurra-as para o lado.)

ACTOR 1- Este bairro está desocupado há três anos. É melhor virares a espingarda para os exploradores, e não para aqueles que não têm casa para viver.

ACTOR 2- Nos bairros da lata vivem famílias inteiras num quarto, e temos que acarretar a agua em latas a mais de um Km.

ACTOR 3- Eles querem construir bancos e hotéis de luxo, nós o que queremos é apenas um sitio para morar.

ACTOR 4- Tu não és rico, és como nós, lembra-te donde vieste.. Não facas o jogo dos patrões. (Ele não lhes presta atenção nenhuma, até que dá de caras com a velhota que não se move.)

SOLDADO- Mulherzinha, tenho as minhas ordens a cumprir. É melhor é por-se a mexer daqui p'ra fora!

VELHOTA- Eu daqui não saio, se quizeres atira! Toda a minha vida vivi em chão de terra, pelo menos morro em chão decente.

(O soldado para, e lentamente baixa a arma. Ele também podia amachucar o papel das ordens e mandá-las para o lixo.)

SOLDADO- Eu não estou aqui para matar velhotas. (Ouve-se um grande alarido da multidão que o leva em ombros triunfalmente. A velhota pega numa vassora e começa a varrer o chão.)

stands up

Look at Fern.
 kneels
 slowly

1) Ros
 2) Alvaro (kneeling)
 block Nôre
 fails to front

UR+LR
 meets
 old woman

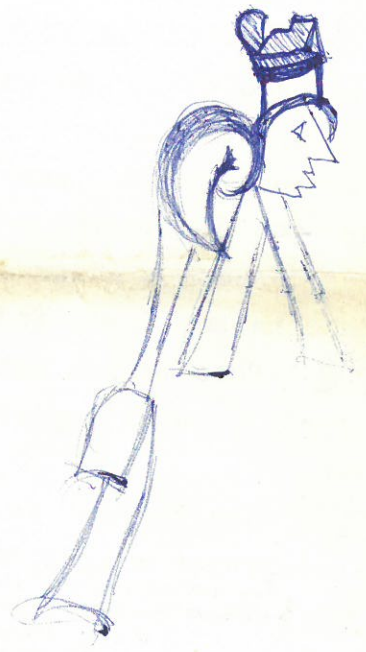
LR+LL
 fails to
 kneels
 let audience see RZé

Rises

"Soldados sempre, sempre
 ao lado da povo!"

X →

~~SL~~ → SR
UR UK
DR DL
C UC
 DC



CENA-4-O DIABO COMUNISTA E A COOPERATIVA

NARRADOR- Portugal pode dividir-se em duas zonas agrícolas. Ao sul do Tejo encontra-se as grandes propriedades, os latifúndios, cujos donos não têm muitas vezes grande interesse em as cultivar. No norte existe uma mistura de grandes propriedades para a produção do vinho e minúsculos pedaços de terra que pertencem a camponeses muito pobres. O povo tanto no norte como no sul, tem sido perseguido pela miséria e forçado a emigrar. Mas no sul existe uma tradição de luta. Em 1962 durante a greve pelo dia das 8 horas de trabalho, uma jovem camponesa foi morta pela GNR. quando conduzia um grupo de grevistas. Ela tornou-se o símbolo da resistência ao regime fascista. Chamava-se Catarina Eufémia.

CANCAO- "Cantar Alentejano".

CARTAZ- "Uma aldeia no norte de Portugal"

(Um padre ajoelhado, prega para um camponês:)

PADRE- Queridos paroquianos... cuidado... o demónio encontra-se no meio de vós... e esse demónio chama-se comunismo. Eles entre falinhas vem da cidade espalhar o descontentamento entre vós, mas cautela, a sua verdadeira intenção é a destruição da vossa igreja e da vossa fé. Eles matam os velhos, tiram-vos os vossos filhos, e tiram-vos a vossa terra. A terra que vós cultivastes com tanto amor, lágrimas de sangue, a terra que será um dia dos vossos filhos, a terra de todas as vossas esperanças...

CAMPONÊS- Mas como é que a gente havemos de descobrir esses diabos senhor padre?

PADRE- Eles conhecem-se à légua, meu filho. Vêm com conversas, guiam bons carros, têm carteiras gordas e vestem bem. Dizem-se trabalhadores, mas o trabalho que eles fazem é semear a revolta contra a ordem natural estabelecida pelo senhor. Cuidado meu filho... cuidado...

(O camponês fica sozinho com a sua enxada. Nervosamente vai de volta ao trabalho no seu bocadinho de terra. Um estranho aparece.)

ESTRANHO- Trabalho duro esse amigo...

CAMPONÊS- Estremece, ergue a enxada, mas descontrai-se quando vê que não é o diabo, voltando ao trabalho. Sim sim, a terra é dura, a enxada não ajuda e as minhas costas estão partidas de todo.

ESTRANHO- Deixe-me dar-lhe uma ajuda

CAMPONÊS- Deus lhe pague! Uma ajudinha é sempre aceite!

ESTRANHO- O que você precisava aqui, era de um tractor.

CAMPONÊS- Os tractores custam muito dinheiro e a minha terra não dá para isso. (Aproxima-se a mulher do camponês com o farnel. Para a escutar.)

ESTRANHO- Adubo também aqui fazia falta... A terra está cansada....

CAMPONÊS- Adubo? ao preço que está? vale o peso em ouro!

ESTRANHO- Nem sempre. Em Setúbal e Évora arranja-se com 30% de desconto.

CAMPONÊS- O quê? Como é isso?

ESTRANHO- Os trabalhadores da CUF fornecem-nos. E para começar mandam-nos três cargas de graça.

CAMPONÊS- Ah pois! Esses diabos da cidade, malandros, nunca fizeram um dia de trabalho na vida deles, (O estranho olha para ele a suar enquanto o camponês saboreia o decanso) Há aí alguma armadilha com certeza. Já alguma vez se viu hoje em dia darem coisas de graça?

CAMPONESA- Olha lá Francisco, o que é que estás p'raí a mandar vir com este senhor se tu não percebes nada das improvações que eles fazem lá p'ra cidade? Deixa lá o homem explicar que ele é que tem os livros.

CAMPONÊS- Pois não queres que não fale, mulher, se a mim é que me doiem os rins de peso da enxada? Se há tantos anos que lida nisto, há é qualquer um que me faz mudar de ideias de um dia p'ro outro!

CAMPONESA- Mas hove homem de Deus! O que é que tu sabes do progresso, se toda a tua vida tiveste o nariz virado para o solo? Pode ser que lá no fim de contas este senhor tenha rasão e nos traga melhores dias com a ajuda de Deus....

ESTRANHO- Há e até que mais! O preço da comida na cidade, está muito mais caro. Assim os camponeses vendem directamente aos trabalhadores da cidade a preços muito mais baixos...

CAMPONES- Mas come é que vai vender o trigo a quem o que quer, é pao para o comer?

ESTRANHO- Com certeza que não. É que a cooperativa tomou conta dos moinhos e da padaria, arranjou tudo de novo, e pôs-se a fazer pão e a distribuí-lo directamente. Assim são eles os únicos beneficiários do seu trabalho. Não há intermediários pelo meio a levarem os lucros todos.

CAMPONÊS-Eu cá sempre odiei sanguessugas... No fim talvez você tenha toda a rasão...(A camponesa vai-se embora)

ESTRANHO- Por seu lado os trabalhadores da cidade deram-lhes máquinas novas, repararam-lhes os tractores de graça, forneceram-lhes adubos baratos. Está a ver? O seu campo já está pronto para a sementeira.

CAMPONÊS- Vocemeçê fez aqui um rego bem feito. Ate parece feito por mim!

ESTRANHO- Eu sou de Beja. Nasci de enxada na mão.

MULHER DO ESTRANHO- António. Ah estás aí! Tenho andado á tua procura por todo o lado. A camioneta vai partir. Anda que temos que voltar p'ra Lisboa.

CAMPONÊS- Lisboa? Quem é você então?

ESTRANHO- Eu sou um trabalhador da Lisnave. (O camponês levanta a enxada) Viemos cá trazer um tractor a cooperativa do Barcouco, que é primeira do género aqui no norte. Mas ^{mais} ~~andis~~ se hão-de fazer. Adeus. Estende a mão a qual o camponês aperta excitado., e vai-se, mais a mulher.

CAMPONÊS- (Correndo atrás deles) Diabo comunista!

mas as mãos dele eram rijas e calejadas... e ...trabalhavam bem... talvez estivesse bem disfarçado para me enganar... E veio de camioneta não veio de automóvel... Uma cooperativa aqui em Coimbra? Hmm, se eu me juntasse com os meus vizinhos ficávamos com um bom pedaço de terra. Assim um tractor fazia geito é claro.

(Atira a enchada e corre gritando: "Hey senhor espere aí")

(para outra vez epõe-se a pensar: Ele se calhar era mesmo comunista... como disse o senhor padre... Raios os partam! Raios os partam!)